



Universidade de Brasília – UNB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária e Literatura - LET

Windy Kessler da Silva Ferreira

Polifonia e Monologia em *Torto Arado*:
Uma análise à Luz de Mikhail Bakhtin

Brasília - DF
2023

Windy Kessler da Silva Ferreira

Polifonia e Monologia em *Torto Arado*:
Uma análise à Luz de Mikhail Bakhtin

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Literatura e Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Victor Rocha Pinezi

Brasília – DF

2023

Dedicado àqueles que decidem cursar uma graduação mais tarde na vida, após a dita “idade adequada”, e àqueles que têm que conciliar a graduação com outras atividades.

Agradecimentos

Agradeço à minha amada esposa, Robertha Munique, que me apoiou e teve que lidar com um marido lutando para conciliar a vida acadêmica com a vida familiar e com a vida profissional.

Ao meu amado filho, Rafael Kessler, que sempre estava disposto a compartilhar suas conquistas e descobertas com um pai cansado que estava sempre ocupado com outros assuntos.

À minha amada mãe, Maria do Socorro da Silva, que tanto se sacrificou para garantir que seus filhos pudessem sonhar.

A todos os meus amigos, em especial, ao meu leal companheiro Tiago Amâncio Cruvinel, que foi obrigado a ouvir todas as minhas conjecturas e devaneios, mesmo sobre assuntos que pouco lhe interessavam.

Aos colegas discentes que comigo compartilharam a jornada.

À Universidade de Brasília e a toda a sua equipe, a todo o corpo docente pela paciência em lidar com um aluno inquieto, em especial, àqueles que com sua paciência e dedicação me ajudaram diretamente nesta caminhada, como a Dra. Jane Adriana Castro, que apesar de nunca ter tido a oportunidade de ser seu aluno, sempre deu um passo a mais para me apoiar como coordenadora, Dra. Ângela Cristina da Silva, que me mostrou que aulas não precisam parecer aulas, Dra. Juliana Soledade, que me contaminou com o seu amor pela linguística, Dra. Flávia de Castro Alves, e aos seus paradigmas que me ajudaram a quebrar outros paradigmas, Dra. Patrícia Nakagome, que me ajudou a finalmente entender a relação entre literatura e o leitor, Professora Lia Duarte Mota, cujas discussões aprofundadas de poesia me extasiava, Dra. Tupá Guerra, que se conecta tanto com os alunos que mais parecia um deles e o Dr. Gabriel Pinezi, que conseguiu destruir em mim preconceitos que eu nem sabia que existiam.

A todos estes e a todos que participaram de alguma forma desta jornada, deixo aqui meus sinceros e profundos agradecimentos.

Muito obrigado.

Resumo

O grande sucesso de público e o notável sucesso de crítica do romance *Torto Arado*, escrito por Itamar Vieira Jr, compõem, com seu conteúdo engajado e enredo imersivo, estimula o desenvolvimento de estudos sobre a obra. Esta análise, seguindo esta tendência e incentivada pelos vestígios pertinentes descobertos durante a leitura do romance, pretende investigar em que medida o romance pode ser dito polifônico ou monológico, considerando as reflexões de Mikhail Bakhtin. Adicionalmente, o estudo busca identificar a estratégia utilizada pelo autor para repassar a mensagem contida no livro, argumentando ensaisticamente sobre a eficiência e motivações desta estratégia e procurando traçar um paralelo entre as escolhas do autor e a possível polifonia presente no texto.

Palavras-chave: Torto Arado. Polifonia. Bakhtin. Dialogismo. Monológico.

Abstract

The big commercial success and noticeable critical success of the novel *Torto Arado*, written by Itamar Vieira Jr, combined with his politically engaged contents and immersive plot encourages the development of studies about the book. This study, following this trend and motivated by the relevant clues found in the plot, intends to investigate at what level the novel can be said to be polyphonic or monological, considering the teachings of Mikhail Bakhtin. Also, the study try to identify the main strategy adopted by the author to deliver the book's message, bringing essayistic arguments about the effectiveness and motivations of this strategy and trying to establish a relation between the author's choices and the polyphony which may possibly be present in the text.

Key Words: Torto Arado. Polyphony. Bakhtin. Dialogism. Monological.

Introdução:

Mikhail Bakhtin (2015a, p. 3) em sua obra, *Problemas da Poética de Dostoiévski*, observou que nas obras de Fiódor Dostoiévski “O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena, e não como objeto da visão artística final do autor.” Esta seria, de acordo com Bakhtin, uma característica de um romance polifônico. A polifonia se define pela presença de múltiplas vozes na comunicação humana. Segundo Bakhtin, a comunicação nunca é composta de uma única voz transmitindo uma ideia dominante. Sempre haverá várias perspectivas e pontos de vista, que interagem entre si, ora em conflito ora em negociação, criando uma mensagem complexa e imprevisível que se formará de acordo com a interação ocorrida na comunicação. Praticamente, o conceito postula que cada indivíduo em um ato comunicativo, seja ele escrito ou oral, traz consigo seus próprios valores e visões de mundo e contribuirá com eles no desenvolvimento do diálogo.

Portanto, a representação polifônica em um romance precisa, necessariamente, ser baseada numa comunicação dialógica. Não obstante, as obras de Dostoiévski, que Bakhtin estudou e utilizou como exemplo deste conceito, são carregadas de dialogismo, inclusive remetendo a conceitos filosóficos ou literários clássicos. Bakhtin utiliza como exemplo alguns conceitos socráticos, como por exemplo a visão de Sócrates sobre a verdade, que dizia que essa só poderia ser alcançada através do diálogo. Sócrates não se considerava dono da verdade, ele acreditava, no entanto, em sua capacidade de fazer esta se revelar através de questionamentos direcionados; era inclusive a sua forma de ensinar: Sócrates promovia e participava de debates em que esse método era ativamente aplicado entre seus discípulos. Esse método, chamado de Diálogo Socrático, é definido por Bakhtin da seguinte forma:

1. O gênero se baseia na concepção socrática da natureza dialógica da verdade e do pensamento humano sobre ela. O método dialógico de busca da verdade se opõe ao monologismo oficial que se pretende dono de uma verdade acabada, opondo-se igualmente à ingênua pretensão daqueles que pensam saber alguma coisa. A verdade não nasce nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens (BAKHTIN, 2015a, p. 125).

Assim, as vozes na obra de Dostoiévski tem vida própria: cada voz ou cada personagem reage segundo seus desígnios e diante de cada situação, não representando simplesmente a voz do autor. Se a voz de Dostoiévski é apresentada em sua obra, ela nunca é mais do que uma das partes presentes no diálogo.

Considerando, assim, que o livro *Torto Arado* de Itamar Vieira Jr., seguindo uma tradição neorrealista, tenta mostrar o ponto de vista de famílias quilombolas¹, famílias que têm, segundo o ponto de vista de um brasileiro médio, uma origem à margem da sociedade, representando um modo de vida que a maioria de seus possíveis leitores não conhecem, é plausível presumir que o objetivo seria apresentar esse ponto de vista de modo a gerar o máximo de credibilidade possível. Assim, seria natural esperar que se aplicasse o princípio da polifonia no desenvolvimento do romance, a fim de cumprir este objetivo. Outrossim, olhando para algumas escolhas do autor, como o fato de ele se valer de três narradores personagens, ou a afirmação que uma irmã “seria a voz da outra.” (VIEIRA JR, 2015, p. 23), ou utilizar personagens diferentes para narrar o mesmo evento, ou valer-se de personagens contando a história de outro, espera-se que múltiplas vozes sejam exploradas no romance. No entanto, será que é isso que se passa?

Adicionalmente, em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin aponta que, até então, a maior parte da crítica sobre Dostoiévski abordava apenas sua ideologia, deixando de lado a estética literária. Seus livros levantaram tantos temas morais diferentes e tantas questões filosóficas que a arte em si era significativamente menos discutida. Paralelamente, a obra de Itamar Vieira Jr., pelo seu engajamento e pelo seu grande sucesso comercial, segue caminho similar. Os conceitos ideológicos presentes no romance são amplamente debatidos, a estética literária nem tanto. Assim, esta análise, embora não desvinculada da análise ideológica, pretende começar a preencher este vácuo, investigando os recursos narrativos utilizados por Itamar Vieira Jr sob a ótica de Mikhail Bakhtin, especialmente descobrindo se a obra se trata de um romance polifônico ou se apresenta uma perspectiva monológica. Além disso, *Torto Arado* abre com uma citação de *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, que é um romance com inúmeras características que poderiam ser ditas polifônicas, sendo assim natural que se espere encontrar semelhanças, constituindo-se de mais uma evidência motivadora do presente estudo.

Esta investigação será feita primordialmente, analisando a narrativa, identificando os personagens mais importantes e as ideias principais contidas no romance, tentando descobrir as motivações para as escolhas narrativas feitas pelo autor e examinando diálogos que poderiam evidenciar a presença de polifonia, de acordo com o entendimento de Bakhtin.

¹ Quilombola: Indivíduo que pertencente a uma comunidade quilombola, ou seja, pertencente a uma comunidade que teve sua origem como forma de refúgio da escravidão. Embora originalmente o termo representasse apenas comunidades formadas por escravos que escapavam de seus senhores nos tempos da escravidão, hoje o termo também engloba comunidades que se formaram com população que teve seu modo de vida seriamente afetado pelos tempos de escravidão, ou que viveram em comunidades que foram exploradas em uma situação análoga a escravidão.

Secundariamente, entendendo o engajamento político do romance, será investigado se o autor intencionalmente passou uma mensagem ou informação através de seu romance, ou algum esclarecimento para seus leitores. Neste caso, se investigará a escolha do autor de como transmitir esta mensagem e se fará comparações com técnicas básicas de ensino e de enunciação.

A voz do autor e a voz do personagem

A primeira parte de *Torto Arado* é chamada pelo autor de “Fio de Corte” e é narrada pela personagem Bibiana, que também é a protagonista desta parte. Ela traz a ambientação da história: é aqui que se descobre que o enredo se desenvolve em uma fazenda no interior da Bahia, chamada de Fazenda Água Negra; é aqui também que é traçado o perfil de toda a comunidade que habita tanto o lugar descrito quanto as páginas do livro, incluindo o perfil das protagonistas. A narrativa gradativamente vai nos apresentando às peculiaridades da vida naquele lugar, fazendo grandes saltos temporais e descrevendo apenas acontecimentos que são importantes o suficiente para compor a imagem da comunidade retratada. Bibiana narra a história desde a sua infância, quando tinha oito anos de idade e sua irmã Belonisia tinha seis, até quando deixa a fazenda com seu primo Severo, de quem estava grávida.

Na segunda parte do livro, que compartilha o título com o livro, Belonisia, irmã mais nova de Bibiana, assume a narrativa, deixando claro para o leitor que os limites da fazenda Água Negra, onde as protagonistas e a comunidade retratada viviam, coincidem com os limites do romance. Fica claro que a história contada será apenas a que se passa naquele lugar, já que assim que Bibiana deixou a fazenda, abandonou o ofício de narradora. A narrativa de Belonisia apresenta um tom bem similar ao da narradora anterior. O autor optou por não adotar distinções na linguagem ou qualquer simbolismo para marcar cada narradora, nem mesmo considerando que Belonisia, que narra essa parte, tem uma limitação na fala. É notável que a linguagem utilizada por ambas as narradoras está em consonância com a dita norma culta do português, com raros enxertos de jargões da linguagem popular. Belonisia retoma a narrativa de onde sua irmã Bibiana parou, dá os resultados da partida da irmã, repete a narração do momento inicial da trama, onde uma das irmãs perde a língua, desta vez pelo seu ponto de vista, momento que apesar do grande valor dramático e misticismo inferido de seu significado, pouco acrescenta em termos de profundidade para a narrativa. Belonisia conta como a vida na fazenda se seguiu, como se casou e como perdeu o marido; também conta em alguns trechos a história pregressa de seu pai, narra em fim a volta de Bibiana e de seu primo Severo à fazenda, acontecimento que finalmente introduz a problemática real do romance.

Mais maduro, Severo agora é um ativista que defende os direitos dos quilombolas. No tempo em que esteve fora, se informou, se filiou a sindicatos e estudou sobre os direitos dos quilombolas. Sua volta à fazenda, posteriormente combinada com a mudança de propriedade da fazenda, causa grandes modificações no local. Belonisia e outros personagens secundários gradativamente vão aderindo à causa defendida por Severo. A narrativa de Belonisia se encerra com o assassinato de Severo, deixando claro que apesar de as protagonistas serem Bibiana e Belonisia, os personagens Severo e Zeca Chapéu Grande são os que realmente modificam o rumo das tramas sociais mais complexas, sendo, portanto, os personagens mais importantes para o núcleo da discussão política e emancipatória da narrativa.

A terceira e última parte do livro é narrada por Santa Rita Pescadeira, uma entidade sobrenatural, que, no universo de *Torto Arado*, pertence ao panteão da religião Jarê. Da mesma forma observada anteriormente, Itamar Vieira Jr. optou por não fazer marcações que pudessem diferenciar os narradores: utiliza a mesma prosódia e os mesmos estilos, com a exceção de que este personagem, apesar de não ser exatamente um narrador onisciente, possui informações que só puderam ser obtidas através de suas características sobre humanas, como extensa longevidade, poder de voo, de invisibilidade e a capacidade de ocupar o corpo de seres humanos, dominar suas ações e fazê-los não se lembrar do que se passou enquanto esse domínio era exercido. Diferente do capítulo anterior, não há justificativa na narrativa para que Belonisia seja substituída como narradora quando Severo é assassinado. Belonisia simplesmente deixa de narrar para dar lugar a Santa Rita Pescadeira, que até então, pouco havia participado da história. Sendo um ser sobrenatural, esta raramente se revelava, mas foram sugeridas algumas possíveis conexões com a protagonistas: o marido de Belonisia era inimigo declarado da entidade e insinua-se que ela poderia ter algo a ver com a morte dele, em certo momento, numa noite de Jarê, a entidade passou uma mensagem enigmática para Bibiana quando esta era ainda uma adolescente.

O autor utilizou estas capacidades sobrenaturais do personagem para justificar o nível de conhecimento da personagem que desvela segredos de outros personagens, como a vida pregressa de Donana, a mãe de Zeca Chapéu Grande e avó das protagonistas. Aliás, é neste ponto que se revela o porquê de a faca que cortou a língua de Belonisia ser tratada como objeto místico. Além disso, Santa Rita Pescadeira continua a história de onde Belonisia parou e dá o desfecho do romance.

Para o propósito desta análise, é notável o fato de quase não se encontrar diálogos em todo o texto do livro, considerando que, de acordo com Bakhtin, o dialogismo é característica fundamental para a polifonia própria à tradição realista. Entretanto, quando Bakhtin fala do

diálogo, ele não se refere apenas a conversas com dois ou mais participantes. Bakhtin também desenvolveu o conceito de discurso do outro, ou heterodiscurso, onde aponta que em *qualquer discurso* outras vozes estão presentes, em especial na prosa romanesca na qual estas outras vozes se manifestam, através do trabalho de criação estética do autor como matérias prima da composição. Ainda segundo Bakhtin, nenhum discurso está livre da influência de outro:

A orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. [...] Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só o Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto. (BAKHTIN, 2015b, p. 51)

Assim, o discurso não pode evitar de se orientar pelo que já foi dito. Adicionalmente, apesar da ausência de diálogos, é possível encontrar, em *Torto Arado*, alguns exemplos do discurso do outro, até mesmo de forma óbvia, como nessas passagens:

Minha mãe, de forma assertiva, disse que o passado ficaria para trás, que elas eram irmãs e naqueles dias que se encontrava recolhida em nossa casa Crispiniana tinha zelado por ela como se fosse uma mãe. (VIEIRA JR, 2022, p. 40)

Meu pai olhava para mim e dizia o vento não sopra, ele é a própria viração e tudo aquilo fazia sentido. Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida, ele tentava me ensinar. (VIEIRA JR, 2022, p. 99)

Se havia coisa que aprendi era que não deveria aceitar a proteção de ninguém. Se eu mesma não o fizesse, ninguém mais poderia. (VIEIRA JR, 2022, p. 134)

O velho Nagô me acompanha, mãe. Disse que se saísse naquele instante estaria em Água Negra no dia seguinte. (VIEIRA JR, 2022, p. 183)

Agora falam em direito dos pretos, dos descendentes de escravos que viveram errantes de um lugar para o outro. Falam muito sobre isso. Que agora tem lei. Tem formas de garantir a terra. De não viverem à mercê de dono, correndo daqui pra acolá, como no passado. (VIEIRA JR, 2022, p. 212)

Há também outro modo do discurso do outro ser representado: quando simplesmente se entende que o raciocínio apresentado não pertence naturalmente àquele personagem:

Era assim que deveria ser quando dois jovens se uniam; construíam sua casa no terreiro da casa dos pais, havia uma comunicação e a espera de uma espécie de consentimento por parte do gerente da fazenda para que comessem a erguê-la. [...] Não queria também viver o resto da vida ali, ter a vida de meus pais. Se algo acontecesse a eles, não teríamos direito à casa, nem mesmo à terra onde plantavam sua roça. Não teríamos direito a nada, sairíamos da fazenda carregando nossos poucos pertences. Se não pudessemos trabalhar, seríamos convidados a deixar Água Negra, terra onde toda uma geração de filhos de trabalhadores havia nascido. Aquele sistema de exploração já estava claro para mim. (VIEIRA JR, 2022, p. 83)

O trecho em que Bibiana afirma que “era assim que deveria ser” claramente é a representação de uma ideia que ela recebeu observando como a vida se desenvolve no lugar onde vive. Ela não é autora desta ideia, da mesma forma, o trecho em que a personagem diz “Aquele sistema de exploração já estava claro para mim” claramente é uma reprodução do discurso de seu primo Severo que lhe apresentou estes conceitos.

Poder estar ao lado de meu pai era melhor do que estar na companhia de dona Lourdes, com seu perfume enjoado e suas histórias mentirosas sobre a terra. Ela não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz. (VIEIRA JR., 2022, p. 99)

Belonisia questiona o conteúdo ensinado na escola, mas considerando que neste ponto da história ela tinha por volta de quatorze anos e que este era o primeiro contato dela com o ensino formal, fica claro que este é um pensamento pertencente a Belonisia narradora, que já está num momento diferente em relação ao esclarecimento e à educação, não a Belonisia personagem que vivenciou o ensino escolar. A explicação para ter abandonado a escola foi formulada pela personagem depois do fato consumado, talvez olhando para seu passado: “Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para sua tapera.” (VIEIRA JR., 2022, p. 113).

O ponto em que Belonisia se consola pela falta de demonstração de gratidão do marido, justificando que homem não precisa agradecer, é a reprodução de um pensamento que obviamente não pertencia a ela, notado pelo fato de ela demonstrar descontentamento pelo ocorrido; é um pensamento que provavelmente foi ouvido e presenciado durante sua vida que a personagem internalizou. Em contrapartida, o trecho em que ela adivinha o pensamento do marido, assumindo que ele estaria satisfeito pelo bom negócio, é um pensamento apenas dela, é uma ideia que a personagem deduziu e formulou por conta própria e definiu como verdade, sem questionar a origem deste pensamento, o que seria uma característica de um romance monológico.

Os exemplos apresentados, apesar de claramente demonstrar a tese de Bakhtin da natureza dialógica do discurso, não constituem, entretanto, casos de polifonia, uma vez que não há oposição explícita de vozes: o que se procura são pontos em que cada voz no discurso se comporte de forma independente, que cada voz reaja a situação apresentada, onde cada voz possa se expressar em consonância com sua própria personalidade, não apenas afirmando ou reforçando as ideias que já são preestabelecidas. Em resumo: para que seja polifônico, um

romance procura pontos onde uma ideia não seja prontamente aceita, no mínimo um ponto de discordância entre uma voz e que estes pontos sejam apresentados.

Com foco neste entendimento, podemos perceber que a narrativa expressa pouquíssimos pontos de divergências ideológicas entre os personagens, a mais notável sendo a diferença de visão dos personagens: Zeca Chapéu Grande e Severo. Não à toa, são dois personagens que disputam a liderança e a hegemonia ideológica em momentos distintos da narrativa.

Zeca Chapéu Grande nasceu por volta de 1917 (o ano exato não é indicado no livro), e suas crenças e desígnios são retratados como pertencentes à sua época; assim, ele carrega uma pesada carga de resignação pelo seu destino. Severo, tendo nascido muito mais recentemente, teve contato com uma ideologia mais moderna e menos opressora e assim acabou desenvolvendo uma mentalidade que vai de encontro com a do tio e sogro Zeca Chapéu Grande. Entretanto, o autor optou por não explorar diretamente essa divergência; os personagens se respeitam e preferem não discutir um com o outro — traço cultural que, inclusive, se poderia interpretar como resquício das estruturas coloniais e escravistas da cultura brasileira.

Assim, não temos muitos pontos de debate explícito dentro de toda a obra. Pelo contrário, o que se observa majoritariamente é a apresentação de ideias sem contraponto ou qualquer questionamento. Apesar de tratar-se de uma história de ficção, não há como negar que a ideia que o autor introduz é real, já desenvolvidas ao longo da história do Brasil e defendidas por inúmeros brasileiros. Presume-se que, na concepção destas ideias e na formação de grupos que lutam por elas, tenham ocorrido inúmeros debates. Não faltariam, portanto, exemplos de argumentos divergentes e polifônicos; ainda assim, mesmo retratando dois personagens com ideologias opostas, o autor optou por não retratar explicitamente este debate. O ponto em que essa decisão do autor se torna mais clara é o momento em Zezé, filho de Zeca Chapéu Grande, questiona o pai sobre sua ideologia. Zeca Chapéu Grande tenta explicar: a narrativa explicitamente informa que Zezé não entendeu o pai, mas, ainda assim, opta por apoiar e tornar-se seguidor de Severo, seu opositor. Não há clareza sobre quais seriam as motivações de Zezé, o que deixa subentendido que ele escolheu se alinhar com Severo simplesmente por ser uma escolha imediatamente mais vantajosa, não porque ele acreditava na filosofia que lhe era apresentada.

Um dia, meu irmão Zezé perguntou ao nosso pai o que era viver de morada. Por que não éramos também donos daquela terra, se lá havíamos nascido e trabalhado desde sempre. Por que a família Peixoto, que não morava na fazenda, era dita dona. Por que não fazíamos daquela terra nossa, já que dela vivíamos, plantávamos as sementes, colhíamos o pão. Se dali retirávamos nosso sustento. [...]

Zezé voltou à lida, sem estender a conversa. [...]. Zezé deixou de falar na frente do nosso pai, em respeito, mas voltou ao assunto vez ou outra, desconsiderando seu pensamento. (VIEIRA JR, 2022, p. 185-186)

O que se nota, portanto, especialmente a partir deste ponto, é que existe uma ideologia dominante na obra. Essa ideologia é apresentada diretamente: o autor não deixou margem para que o leitor pudesse construir ele mesmo este raciocínio. O único personagem importante do romance que se opõe é, na justificativa das narradoras, respeitado demais para ser convidado para as discussões. Inclusive, ao analisarmos o romance como um todo, percebe-se que a grande maioria das perguntas são retóricas, ou, no máximo, a busca de uma informação banal já esclarecida. Só foi encontrado um único exemplo de uma pergunta em todo o romance onde se pede a opinião de outro personagem, sendo justamente, o já comentado momento em que Zezé pergunta a seu pai sobre “viver de morada”.

Assim, analisando a situação friamente, o que é possível presumir é que os personagens que tomaram partido, escolheram a ideologia que lhes parecia mais vantajosa a despeito de um processo dialético de confronto entre teses e antíteses. Não fica claro se eles entendiam se suas solicitações eram justas. Pode-se entender que lhes parece justo, já que os beneficia, mas não foram feitas considerações sobre o caminho a percorrer, qual o custo de defender estas ideias, sobre as possíveis consequências; sequer houve a apresentação de outras opções. O que os narradores dão a entender, é que os personagens nunca tiveram escolha real, por sempre estarem constrangidos pela necessidade: ou embarcavam na luta de Severo, ou acabariam sendo expulsos da fazenda. No desenrolar do romance, após ser dado tempo suficiente para que Severo pudesse alcançar a todos com suas novas ideias, oportunamente ocorre a troca de proprietário da fazenda, proprietário este que pretende mudar totalmente a relação entre o proprietário e a comunidade vivendo ali. Assim, os indivíduos não podem optar por continuar sua vida da forma que estavam acostumados. Não há mais a opção de permanecer, as opções passam a ser as seguintes: ou aceitar as mudanças impostas pelo novo proprietário, ou lutar pelas mudanças nos moldes sugeridos por Severo.

Torto Arado é uma obra que traz de volta uma representação da identidade nacional. Muitos leitores enxergam suas raízes na história de Bibiana e Belonisia, inclusive conseguem entender a mensagem do autor e facilmente sentir empatia pelo tema, adotando o mesmo discurso apresentado no livro. Mas a opção do autor ao apresentar suas ideias foi a de transmitir o conhecimento já mastigado e definido tal qual ele próprio entende, sem deixar espaço para que os personagens pensem a partir de sua própria competência ideológica. Ele dá a informação

que justifica o seu ponto de vista, mas não deixa abertura nas vozes enunciadas para que haja debate ou divergências.

Nas obras de Dostoievski, a voz do autor é irreconhecível e, ainda assim, seus romances estão entre os que mais geraram debates ideológicos no decorrer da história da literatura. Os personagens de Dostoievski são notadamente imperfeitos e regularmente têm que lidar com as consequências de suas ações ou de sua ideologia. Em *Torto Arado*, no entanto, as protagonistas e até mesmo os personagens mais diretamente ligados a elas, são retratadas com uma certa pureza de caráter, posto que nunca agem em desacordo com as convenções sociais de sua comunidade, excetuando, obviamente, no sentido de que se opõem à exploração que os ameaça socialmente. Ainda assim, essa oposição ocorre como uma reviravolta, uma tomada de consciência. Quando ocorre uma má conduta, esta é prontamente justificada: quando Belonisia recorreu à violência, o fez em defesa de uma vítima de abuso; quando Donana roubou uma faca, o fez porque as suas condições de vida lhe impuseram esta necessidade, ainda assim, sentindo que talvez a justificativa não fosse convincente o suficiente, o personagem se arrepende do ato; quando Donana assassinou o amante, o fez em defesa de sua filha; quando Bibiana e Belonisia assassinaram Salomão, não foi unicamente um ato de vingança, primeiro deixou-se claro que a justiça não viria pelos meios tradicionais. Assim, a morte de Salomão era a única forma de se fazer justiça pelo assassinato de Severo; as personagens não teriam sequer controle de suas ações, não tendo elas próprias tomado essa decisão após ponderar os dilemas e as dificuldades inerentes aos seus atos, já que seus corpos e suas mentes estariam sobre o controle da entidade sobrenatural Santa Rita Pescadeira.

O que se entende é que as protagonistas e os personagens mais importantes na trama são apresentados com uma pretensa pureza de caráter com o objetivo de dar a eles mais credibilidade. Essa defesa ideológica a partir da superqualificação moral dos personagens é um método já amplamente utilizado em inúmeras obras literárias ao longo dos tempos, notoriamente nos textos messiânicos, como pode ser observado com facilidade em diversos trechos da *Bíblia Sagrada* do cristianismo, desde livros do antigo testamento pertencentes também à *Bíblia Judaica*: “Estas são as gerações de Noé. Noé era homem justo e perfeito em suas gerações; Noé andava com Deus.” (Gen. 6:9), quando se fala de Noé ou Moisés: “Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Senhor conhecera face a face (Deut. 34:10), por exemplo, ou no novo testamento, quando se fala de Jesus Cristo:

Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. João dá testemunho dele. Ele exclama: "Este é aquele de quem eu falei: aquele que vem

depois de mim é superior a mim, porque já existia antes de mim". Todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça. Pois a Lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido. (JOÃO 1:14-18)

Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude. (COLOSSENSES 2:9-10)

Alguns personagens da Bíblia Sagrada são literalmente divinos e descritos como incapazes de errar. A forma com que são apresentados deve-se à intenção de negar qualquer argumento contrário, pois seria discordar do Deus cristão. Guardando as devidas proporções, os personagens mais evidentes de *Torto Arado* compartilham destas características dos heróis bíblicos. O autor construiu o caráter dos personagens com intenção de lhes dar credibilidade, toda sua idoneidade e pureza os coloca à prova de críticas, visto que não concordar com eles seria como admitir que você é a favor do que é descrito como mal.

Reconhecendo que existe essa ideia dominante em *Torto Arado*, fica claro, segundo os conceitos de Bakhtin, que essa têm sua origem na voz do autor. Nota-se que todo o romance foi desenvolvido para culminar com a validação do conceito ideológico apresentado; foi criado um ambiente propício para explicar o que fez nascer a conformidade dos personagens; houve a construção da credibilidade dos protagonistas; negou-se absolutamente qualquer oposição ou questionamento destas ideias, não sendo apresentada qualquer defesa, justificativa ou mesmo a afirmação do oposto pelos antagonista, que, aliás, acaba por ser pouco definido; o que fica claro é que quem quer que seja que detenha os direitos legais de propriedade da fazenda Água Negra é naturalmente o inimigo, sugerindo-se inclusive seu possível desvio de caráter, uma vez que a descrição dos antagonistas sempre vem acompanhada de uma desqualificação moral. Qualquer ato ligeiramente favorável feito em favor dos colonos por alguém que não pertence à comunidade é prontamente justificado como sendo por interesse mesquinho. Estes interesses são sempre apontados pelas narradoras; os próprios perpetradores desses atos não têm voz no romance:

Salomão parecia se interessar por tudo. Se dispunha a escutar o que os moradores diziam, para refutar depois, dizendo que sabia mais, que viu sobre tal coisa em algum lugar que ninguém compreendia o nome. Almoçaram na casa de Firmina numa das visitas à fazenda, enquanto escolhiam o lugar para construir a casa grande. Firmina matou uma galinha para receber os novos donos de Água Negra, fez um pequeno banquete com abóbora e quiabo, picadinho de palma e arroz. Ela se sentia apenas uma inquilina, embora morasse ali há mais de quarenta anos, e, apesar de o dono estar ali há tão pouco tempo, sentia como se devesse favores por estar na terra alheia. Salomão comeu o que lhe serviram. A mulher não tocou na comida, dizia que tinha uma

alimentação especial, agradeceu por tudo, mas ficou claro que sentia nojo. (VIEIRA JR., 2022, p. 210-211)

Constata-se, então, que os personagens, incluindo os protagonistas, são entendidos pelo autor como exemplos manipuláveis cuja função explícita é dar mais alcance à voz do autor, que pretende, assim, transmitir uma carga de conhecimento, em concordância com as afirmações de Bakhtin sobre a voz do autor no romance monológico.

Seja quais forem os tipos de discurso introduzidos pelo autor do romance monológico e seja qual for a distribuição composicional desses tipos, as elucidações e avaliações do autor devem dominar todas as demais e constituir-se num todo compacto e preciso. Qualquer intensificação das entonações do outro num ou noutro discurso, numa ou noutra parte da obra é apenas um jogo que o autor se permite para em seguida dar uma ressonância mais enérgica ao seu próprio discurso direto ou refratado. Qualquer discussão entre duas vozes num discurso com o intuito de assenhorar-se dele, de dominá-lo, é resolvida antecipadamente, sendo apenas uma discussão aparente. Cedo ou tarde, todas as elucidações plenissignificativas do autor se incorporarão a um centro do discurso e a uma consciência; todos os acentos, a uma voz (BAKHTIN, 2015a, p. 234).

A falta do diálogo, inclusive, vai contra o entendimento de Sócrates sobre a verdade, como mencionado anteriormente. Segundo a dialética de Sócrates, homem nenhum detém a verdade, ela só pode ser encontrada através do diálogo.

A didática de Vieira Jr.

Torto Arado é uma obra que aparece em um momento de transição da história brasileira, em que a busca por justiça histórica e racial têm se acentuado, de forma muito bem-vinda. A informação chega rapidamente a todos os lugares e fatos que em outros tempos cairiam no esquecimento são regularmente trazidos à tona. A grande maioria da população mundial hoje entende o quão errado é a escravidão, inclusive sendo ilegal e abominável na maior parte do mundo, mas grande parte da população não enxerga as consequências deste período terrível da história humana que afeta pessoas até os dias de hoje. Enquanto obra literária ideologicamente orientada, o que *Torto Arado* faz é mostrar e descrever essa realidade, ainda que de modo monológico. Esse fator possivelmente contribui para o sucesso do romance, em concordância com o observado por Terry Eagleton (2021, p. 190): “Se a obra nasce, por exemplo, numa época grave da história humana, quando as pessoas estão passando por alguma transição que abala o mundo todo, ela pode vir tão permeada por esse fato que também exerce apelo em leitores de tempos e lugares muito diferentes”.

Vieira Jr., portanto, chegou no momento ideal, trouxe informações pertinentes e necessárias ao momento atual, informações que obteve através de pesquisas e características específicas do trabalho que exerce, além de sua vivência e experiências pessoais. Ao filtrar estas informações e tirar suas conclusões, seguramente influenciado por sua própria visão de mundo, sentiu a necessidade de transmitir este conhecimento e optou por fazer isso através de um romance. Neste romance, ele procurou representar o povo que entende ser o que mais necessita do desenvolvimento dessas ideias; optou, no entanto, por omitir a construção dessas ideias. Preferiu não demonstrar a lapidação histórica das ideias através do debate, o que, argumentativamente, afeta a longevidade da mensagem e dificulta que ela seja digerida por aqueles que não estão inseridos diretamente nos grupos a que ela se refere. Essa opção de Vieira Jr. para transmitir seus conhecimentos se alinha com a forma clássica de ensino, em que se considera que o mestre, precisando transmitir um conhecimento a um aluno, considera este como um receptáculo vazio, que precisa ser completado por aquela informação tal qual o mestre a entende, desconsiderando o saber prévio do aluno e, inclusive, as possíveis interferências deste saber prévio no próprio conhecimento a ser transmitido. Joseph Jacotot chama esta prática de ensino de embrutecedora; essa prática pressupõe uma distância entre enunciador e receptor, sendo nela o mestre o único capaz de encurtar essa distância:

É a lógica do pedagogo embrutecedor, a lógica da transmissão direta e fiel: há alguma coisa, um saber, uma capacidade, uma energia que está de um lado — num corpo ou numa mente — e deve passar para o outro. O que o aluno deve aprender é aquilo que o mestre o faz aprender. (RANCIÈRE, 2014, p. 18)

Jacques Rancière faz uma ponte entre as ideias de Jacotot e a arte, a princípio partindo de um movimento do teatro em tentar tornar o espectador mais consciente do que se via na apresentação. Mas, em seu texto “O Espectador Emancipado”, torna-se possível entender que os conceitos se estendem para a transmissão de qualquer tipo de enunciado, afinal, qualquer interação entre dois seres pode ser um momento de aprendizado.

Em oposição à prática da pedagogia embrutecedora, Jacotot desenvolve o conceito de emancipação intelectual, que entende que todas as pessoas têm a mesma inteligência, ou que todas as inteligências são iguais em capacidade; portanto, quando alguém precisa transmitir um conhecimento, ele não deve simplesmente tentar preencher um receptáculo vazio, mas antes direcionar o aluno para que este, já detentor de vários saberes, chegue a estas informações utilizando como base seu próprio conhecimento.

A emancipação intelectual é a comprovação da igualdade das inteligências. Esta não significa igual valor de todas as manifestações da inteligência, mas igualdade em si da inteligência em todas as suas manifestações. Não há dois tipos de inteligência separados por um abismo. O animal humano aprende todas as coisas como aprendeu a língua materna, como aprendeu a aventurar-se na floresta das coisas e dos signos que o cercam, a fim de assumir um lugar entre os seres humanos: observando e comparando uma coisa com outra, um signo com um fato, um signo com outro signo. (RANCIÈRE, 2014, p. 14-15)

Uma analogia que demonstra a diferença entre estas duas práticas seria a de um pai levando seu filho pela primeira vez em um parque infantil. Numa prática embrutecedora, o pai chegaria com o filho, iria até o escorregador, indicaria para o filho que ele deve subir pela escada, lhe informa que ele deve sentar, se dar um pequeno impulso e se deixar chegar à base do brinquedo e repetir; assim, ele estaria se divertindo. Numa prática emancipadora, o pai levaria a criança até o parque infantil, indicaria para o filho o escorregador lhe dando talvez a informação básica de que ele pode se divertir com aquilo. A criança então poderá subir pela frente do brinquedo, pode ver a escada e associar o seu formato com outras que já tenha visto antes; poderá assim escorregar sentado, deitado, de frente, de costas, no fim, possivelmente, entendendo que a forma mais eficiente e talvez mais divertida será a de subir pela escada rapidamente, sentar-se no topo do brinquedo, se dar um pequeno impulso e escorregar até o final. O resultado, embora pareça exatamente o mesmo, contém a grande diferença que no segundo caso a criança tem a comprovação de que aquele é o método mais eficaz e na próxima interação em que se fizer necessário aquele conhecimento, poderá defender seu ponto de vista com argumentos melhores do que simplesmente dizer que foi ensinada assim. Da mesma forma, a informação absorvida em *Torto Arado*, parece correta, soa como justa, mas um leitor será capaz de defender essas ideias? Ele sabe lidar com um argumento básico em contrário? A ideologia não foi construída pelos personagens, ela foi implantada, neles, pelo autor.

Cabe inclusive observar que a mesma abordagem vista na voz do autor pode ser identificada na ação dos próprios personagens. Belonisia e Bibiana a todo momento exaltam as qualidades de seu pai, Zeca Chapéu Grande, descrito como o epíteto do bom caráter; extremamente sábio, tinha uma exímia capacidade em lidar com a natureza e as plantações, sendo capaz de ler os mais ocultos sinais da natureza, tinha grande empatia pelo seu próximo, e habilidade em cuidar dos enfermos, inclusive diagnosticando transtornos e prescrevendo eficazes medicamentos naturais; fazia partos e era especialista em lidar com problemas psiquiátricos, sendo por isso amplamente respeitado por todos, sem exceção; ainda assim, tanto as irmãs quanto Severo, preferiram nem mesmo tentar explicar para ele sobre a sua causa, se justificando dizendo que era por respeito. Mas que espécie de respeito é esse, que impede, em

vez de promover, o diálogo? Que não inclui no debate dos projetos que o afetam? Há algumas possíveis explicações para Zeca Chapéu Grande ter sido deixado de fora das transformações sociais da comunidade quilombola, e respeito não é uma delas. Ele poderia ter sido deixado de fora simplesmente porque as filhas e sua família desprezam a sua capacidade intelectual, entendendo que ele seria incapaz de entender as verdades que motivam a luta; ou talvez Belonisia, Bibiana e Severo não estão tão seguros da justeza de sua causa e temessem serem expostos, se escolhessem debater com indivíduo de tão elevado valor. Entende-se, todavia, a partir de todo o enredo do romance, que as narradoras são bem intencionadas, e que sem se dar conta disso, desprezam a capacidade intelectual do pai. Elas drasticamente preferiram esperar ele morrer do que engajar com ele num debate polifônico.

Inclusive, nota-se que fazem o mesmo com a mãe, demonstrado na passagem em que Belonisia fica surpresa ao ver sua mãe, Salustiana Nicolau, apoiar a causa:

Temi que minha mãe tivesse a mesma postura de nosso pai, que achasse ingratidão aquela movimentação. Mas não, ela parecia entusiasmada, desandou a contar muitas histórias, era um livro vivo. Contava as histórias dos bisavós, dos avós, da fazenda Caxangá, onde também morou, das terras do Bom Jesus, de onde veio. Intervinha ativa, ciente da importância das coisas que sabia. (VIEIRA JR., 2022, p. 198)

Salustiana, como demonstrado pela citação acima, tinha capacidade de entender o que estava acontecendo e prova isso, dando a sua contribuição, mesmo sem contar com a cortesia de um convite ou explicação de suas filhas ou de seu genro.

Neste contexto, pode se entender como Vieira Jr. retratou com fidelidade o comportamento humano quando se trata da transmissão de conhecimento, na sociedade atual, não é incomum que indivíduos com mais acesso à educação formal se recusem a tentar transmitir suas ideias para outros menos privilegiados, simplesmente por os considerarem incapazes ou inferiores intelectualmente. Uma vez que não detém os mesmos conhecimentos transmitidos pelo ensino formal, como o de universidades ou outros aparelhos do Estado, os mais velhos sofrem especialmente com isso. Outras vezes, quando o fazem, optam por simplesmente descarregar toda a carga de conhecimento, desconsiderando o saber pregresso do receptor e se recusando a tomar conhecimento da interferência deste saber na própria informação. Seguramente, esta não é a nuance principal do romance, mas é sem dúvida um acerto do autor ao evidenciar essa situação. Dificilmente alguém discorda que a educação é importante para o desenvolvimento da civilização, mas, infelizmente, mesmo entre os que apoiam essa ideia, existe esse desprezo, muitas vezes inconsciente por aqueles que tiveram menos acesso à educação formal. A cisão geracional entre as filhas que tiveram acesso à

educação formal e um pai que, apesar de elogiado por sua sabedoria, é sempre retratado como inapto ao debate ideológico, acaba também revelando, na voz de seu autor bem intencionado, um traço característico da autoritária cultura brasileira: a sua tendência à educação embrutecedora em detrimento da educação emancipatória.

Considerações finais

Por meio dessa análise, observa-se que a obra de Itamar Vieira Jr. não é um romance polifônico. O autor utiliza os personagens e toda a ambientação como objetos para dar alcance à sua própria voz, o que, segundo o entendimento de Bakhtin, caracteriza o romance como monológico. Esta classificação, apesar de não constituir por si só análise de qualidade ou de grandeza, pesa, de acordo com uma análise crítica embasada na tradição Bakhtiniana, como uma característica negativa, visto que, segundo esta corrente de pensamento, o romance é tão mais complexo e interessante quanto mais é dialógico. Mas, antes de tudo, o que essa classificação revela, é apenas a escolha da estratégia narrativa do autor.

A forma que a voz do autor é representada, numa perspectiva embrutecedora, conforme afirmado anteriormente, não analisa diretamente a qualidade estética do romance, mas traz um destaque negativo à escolha do autor na transmissão de sua mensagem.

Antes de tudo, porém, *Torto Arado* é uma obra de ficção, tem sim um engajamento político, traz sim uma visão de mundo pouco conhecida, mas não tem obrigação nenhuma de educar ou converter ninguém. O que o romance oferece, na verdade, é a história de uma comunidade quilombola, contada segundo o que seria a visão de integrantes desta comunidade. Neste propósito, Vieira Jr foi excepcionalmente preciso.

Não se pretende aqui trazer Bibiana e Belonisia à vida. Elas são personagens de um romance e como tal só existem nas páginas do livro, então, já aceitando a reprimenda de Eagleton (2021, p. 53): “Uma das maneiras mais usuais de desconsiderar a ‘literariedade’ de uma peça ou romance é tratar seus personagens como se fossem de carne e osso”, mas, se duas mulheres como Bibiana e Belonisia fossem contar sua história em um romance, provavelmente o fariam exatamente como Vieira Jr. fez, desconsiderando a mencionada voz do autor. Examinando apenas a narrativa em si, o que se encontra são duas mulheres que tiveram uma vida terrivelmente atribulada, apesar de alguns pequenos privilégios dentro de sua comunidade. Diferentemente de outras pessoas que viviam na fazenda Água Negra, elas faziam parte de uma família estruturada e consciente do espaço do outro: “Nunca havia visto meu pai dirigir qualquer insulto à minha mãe. Se não eram calorosos e afetuosos entre si, também não eram indiferentes.

Cada um sabia da necessidade do outro e concordava em ceder para avançar” (VIEIRA JR., 2022, p. 136).

Filhas do indivíduo mais respeitado no local, gozavam de pequenas imunidades quanto se tratava do tratamento recebido pelas outras pessoas na fazenda:

Mas nada mais que isso, afinal, éramos as filhas do curador Zeca Chapéu Grande. Meu pai era respeitado pelos vizinhos e filhos de santo, por seus patrões e senhores, e por Sutério, o gerente. [...] Por isso, diferente das jovens de nossa idade, e mesmo com os olhares invasivos que nos despetalavam como flores, éramos quase intocáveis ao assédio tão comum dos homens sobre as meninas que chegavam à mocidade. (VIEIRA JR, 2022, p. 54).

Ainda assim, cresceram passando por situações que nenhum ser humano deveria ser obrigado a passar; logo, quando enxergaram um caminho para uma mudança no seu destino, no caso as ideias de Severo, é natural que estas lhes fossem atraentes. Talvez não estivessem totalmente convictas de seus objetivos, talvez não entendessem totalmente a situação, mas era a primeira vez que elas podiam enxergar um caminho que realmente poderia mudar sua situação. Assim, quando perceberam que o pai, que sempre foi referência do que é certo ou o que é errado e que sempre ditou as regras ali não se alinhou com as ideias, entenderam que a atitude mais respeitosa era desprezar totalmente seu posicionamento e simplesmente agir pelas suas costas para evitar atrito. Pode-se argumentar que tal atitude, no final, seria exatamente o oposto da interpretação dada por Belonisia, que descreveu este ato como respeitoso, mas não se pode argumentar que tal pensamento condiz exatamente com o esperado por pessoas na mesma situação. Inclusive, como citado anteriormente, é uma atitude comum. Ainda considerando a possibilidade de uma Bibiana e uma Belonisia reais, há de se considerar que Belonisia nunca completou a educação formal, e Bibiana só teve acesso à educação bem tarde; assim, não seria justo esperar que elas conheçam Dostoievski e muito menos que elas mimetizassem seu estilo de narrativa.

Em tempo, observa-se que a citação inicial de *Lavoura Arcaica*, ao contrário do que pode parecer, não se relaciona à estética do romance. Vieira Jr. procurou chamar a atenção para possíveis similaridades entre as duas obras, mas a distinção dos projetos estéticos é mais que visível quando se entende o problema do dialogismo na forma romanesca. Ao contrário do romance de Raduan Nassar, em que os personagens estão constantemente debatendo seus pontos de vista distintos, o que *Torto Arado* faz não é engajar-se nos debates possíveis em torno dos direitos dos quilombolas, retomando a sua história sob um ponto de vista dialético; o que ele faz, retomando uma tradição naturalista e neorrealista, é imaginar, sob o seu ponto de vista

monológico, a vida de uma comunidade quilombola, supostamente tal como os próprios quilombolas se enxergariam a partir de seus próprios valores, seguramente com muito menos influência da cultura ocidental do que a maior parte da população brasileira. *Torto Arado* não é um tratado de antropologia, não é um livro didático, mas o retrato de um povo. E, de um retrato, não se espera argumento algum: um retrato é o que se enxerga.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo. Forense Universitária, 2015

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: A Estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. 1ª ed. São Paulo. Editora 34, 2015

BÍBLIA. Espanhol, Inglês, Português. Bíblia Sagrada Edição Trilíngue. Nova Versão Internacional. São Paulo: Geográfica Editora, 2015. Edição Evangélica.

EAGLETON, Terry. **Como Ler Literatura**. Tradução de Denise Bottmann. 3ª ed. Porto Alegre, LePM, 2021

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. 1ª ed. São Paulo. WMF Martins Fontes Ltda, 2012

VIEIRA JR, Itamar. **Torto Arado**. 1ª ed. São Paulo. Todavia, 2019